

10 e 11 de setembro de 2004

CONSIDERAÇÕES SOBRE O TURISMO ARQUEOLÓGICO OU ARQUEOTURISMO NO BRASIL

*Fabiana Manzato*¹

*Mirian Rejowski*²

Resumo: A exploração do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo no Brasil mostra-se uma atividade viável que transcende a simples curiosidade e contemplação de vestígios arqueológicos, pré-históricos ou históricos, em ambientes terrestres e/ou aquático. Mas para haja o crescimento deste segmento turístico por parte dos visitantes faz-se necessário um esclarecimento sobre os atrativos arqueológicos que compõe esta atividade turística, acessibilidade as publicações científicas e acadêmicas, maior participação e atuação dos meios de comunicação sobre as experiências reveladas através desta forma de turismo.

Palavras-chave: Turismo Arqueológico, Arqueoturismo, Arqueologia, atrativos, Sítios Arqueológicos, meios de comunicação, divulgação acadêmica e científica.

Introdução

As expressões Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo podem soar estranho para a maioria da população brasileira, em se tratando da existência de sítios arqueológicos nacionais disponíveis para visitação turística. Acostumados a vivenciar o turismo de sol, sol, areia e sexo³ ou o turismo ecológico ou ecoturismo⁴ em seu momento de lazer, os turistas, excursionistas ou visitantes acreditam que o turismo associado a arqueologia “se significa alguma coisa, é uma prática aventureira que deve ser levada a cabo no Egito ou em qualquer outro lugar, mas não no Brasil, já que nos faltam pirâmides e outras ruínas interessantes” segundo Funari (1994, p.24).

¹ Mestranda em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul e Graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina.

² Professora do Mestrado em Turismo da UCS – Universidade de Caxias do Sul. Bacharel em Turismo e Livre Docente em Turismo e Lazer pela Universidade de São Paulo.

³ Segundo Swinglehurst (2001 *apud* REJOWSKI, 2002, p.87).

⁴ De acordo com Crosby, A. *et al.* (1993) “O ecoturismo é uma forma ambientalmente responsável de fazer turismo, onde se visitam áreas naturais de importante valor ecológico com o fim de observar, estudar ou admirar a flora, a fauna, a paisagem e em general a história natural do lugar, minimizando o impacto sobre espaços naturais e culturais e contribuindo para a proteção das áreas naturais e ao melhoramento da qualidade de vida das populações”.

O Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo “propicia [...] a reconstrução do passado [...] e construção de uma cultura contínua entre passado e presente” de acordo com Silverman (2002), assim, este segmento turístico revela-se de grande importância principalmente para aqueles visitantes que buscam na atividade turística não apenas deslocar-se para locais longínquos mas desfrutar de momentos de “ócio criativo”⁵ resultantes de uma experiência de satisfação que transcende a simples curiosidade e contemplação.

Propõe-se neste artigo, destacar alguns fatores que, atualmente, funcionam como barreiras para o crescimento e desenvolvimento do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, praticado em âmbito nacional, relacionados a questões culturais, decorrentes em grande parte pelo apego a um ou mais dos itens que serão abordados a seguir, tais como:

- a) Familiarizar o visitante ao atrativo turístico que compõe este segmento turístico;
- b) Eliminar os mitos que cercam esta atividade;
- c) Instigar a abertura científica e acadêmica por parte dos profissionais envolvidos com o turismo;
- d) Discorrer sobre a importância dos meios de comunicação como ferramenta para a promoção deste turismo.

Para se participar de uma atividade turística arqueológica deve-se entender primeiramente que “o passado não é o que passou e está encerrado, mas o que está presente, o que é tradição” segundo Gastal (2000, p.3). Esta conscientização é parte da afinidade que integrará o objeto turístico ao visitante, significa gostar e compartilhar a experiência a ser transmitida pelos atrativos que compõe o Turismo Arqueológicos ou Arqueoturismo, onde de acordo com Nogueira (2003) “o objeto, não é apenas cor, textura, matéria-prima, forma e função [...] é tudo isto, e mais história, contexto cultural, emoção, experiência sensorial e comunicação corporal”. Quanto ao verbo gostar, aqui utilizado, pode-se defini-lo através do substantivo gosto, que segundo Franco (2001, p.24) é “moldado culturalmente, e socialmente controlado”.

⁵ De MASI, Domenico. *O ócio criativo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

1 Familiarização frente ao Atrativo Turístico Arqueológico

O primeiro passo para a familiarização das expressões Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo consiste na definição das palavras que compõe este objeto de estudo, ou seja, o turismo, a arqueologia e o Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, e em seguida, faz-se necessário uma abordagem do que são e quais são os atrativos turísticos ⁶ que compõem este segmento.

Para a compreensão do turismo, utiliza-se neste artigo a seguinte conceituação,

um elaborado e complexo processo de decisão sobre o que visitar, onde, como e a que preço. Nesse processo intervêm inúmeros fatores de realização pessoal e social, de natureza motivacional, econômica, cultural, ecológica e científica que ditam a escolha dos destinos, a permanência, os meios de transporte e o alojamento, bem como o objetivo da viagem em si para a fruição tanto material como subjetiva dos conteúdos de sonhos, desejos, imaginação projetiva, de enriquecimento existencial histórico-humanístico, profissional, e de expansão de negócios. Esse consumo é feito por meio de roteiros interativos espontâneos ou dirigidos, compreendendo a compra de bens e serviços da oferta original e diferencial das atrações e dos equipamentos a ela agregados em mercados globais com produtos de qualidade e competitivos. (BENI, 2001, p.37)

Quanto a arqueologia, sabe-se que a palavra vem do grego *arkhaios* (antigo) e *logos* (ciência) significando o estudo dos vestígios das antigas sociedades e segundo Funari (1988, p.9) “o conhecimento dos primórdios”. Pallestrini e Moraes (1980, p.17) descrevem que os vestígios arqueológicos podem ser “um artefato de pedra, de cerâmica, um tipo de forno de cocção, de fogueira, de casa ou de sepultamento” estando distribuídos em determinada superfície dentro de abrigos rochosos, como cavernas ou a céu aberto e “até debaixo d’água”⁷ em locais denominados sítios arqueológicos.

São encontrados ainda em sítios arqueológicos e portanto, também constituem-se como atrativo turísticos arqueológicos os sambaquis, arte rupestre, artefatos confeccionados em pedra lascada ou polida e a partir de ossos de animais, igrejas, cemitérios, fortes, engenhos, fazendas, etc.

Os sambaquis são definidos por Prous (1992, p.7) como “amontoados de valvas de moluscos comidos pelos indígenas pré-históricos do litoral, que os usavam também como depósitos de lixo e cemitério”. Os autores Funari e Noelli (2002, p.89) assinalam que a palavra

⁶ De acordo com Boullón (1997, p.46) “atrativos turísticos são a matéria-prima do turismo”.

⁷ RAMBELLI, Gilson. Arqueologia até debaixo d’água. Revista do Clube Naval, v.110, n 319, julho/setembro, 2001.

Sambaqui é de origem “tupi e significa *tamba* (marisco) e *ki* (amontoamento)”, sobre estes ainda, Funari (2001, p.14) descreve que os sambaquis “mais antigos do Brasil tem 8 mil anos e alçam a altura de um prédio de 10 andares”.

A arte rupestre de acordo com Kneip e Pallestrini (1991, p.45) são “as pinturas e gravuras executadas sobre rochas (do latim ‘rupes’) em épocas pré-históricas”. Estas pinturas (pictografias) ou gravuras (petróglifos – entalhados na rocha) “de um modo geral, traduz a necessidade do homem de projetar em forma de idéias, pensamentos e sentimentos que deseja transmitir”. As pinturas aparecem nas cores vermelho, ocre, branco e preto. “A variedade de motivos pintados e gravados é enorme, quer se trate de figuras humanas (antropomorfas), de animais (zoomorfas), de vegetais (fitomorfas) ou geométricas”, são encontradas “na superfície rochosa de grutas, de abrigos, de pedras isoladas ou agrupadas em campo aberto”.

Segundo Rathz (1989, p.165) a compreensão das pessoas quanto à Arqueologia limita-se a “escavar coisas velhas, especialmente tesouros”, no entanto, em sua concepção a considera “não é apenas divertida, altamente educativa e intelectualmente agradável para a pessoa, mas é decisiva para a sobrevivência do homem neste planeta e deve receber grande prioridade e muitos recursos da sociedade moderna”. O mesmo autor chama a atenção para o fato de que “a compreensão do passado do homem é uma importante ajuda para a compreensão das pessoas hoje” e destaca que “a Arqueologia é potencialmente uma fonte de recursos”.

A associação da arqueologia e do turismo, para a formatação do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, nas palavras de Rathz (1989, p. 25) “pode ser altamente educativa e apresentar um quadro totalmente autêntico do passado”.

Dessa forma, a exploração de sítios arqueológicos na atividade turística ocorre através do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, onde de acordo com Barretto (2000, p.23).“é o chamado turismo de segmento ou de interesse específico (Barretto), também chamado seletivo (Acerenza) ou alternativo (Krippendorf)”. E segundo Beni (2001, p.86) “é por isso que hoje o chamado turismo cultural se desdobra em tantos títulos: ecológico, antropológico, arqueológico, artístico, *arqueo-teosófico* e muitos outros”.

Entende-se neste artigo que Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo consiste no deslocamento de visitantes⁸ a locais denominados sítios arqueológicos, onde são encontrados os

⁸ O visitante neste artigo é definido como a pessoa residente na própria cidade onde se encontra o Sítio Arqueológico, bem como, o autóctone, o excursionista e o turista.

vestígios remanescentes de antigas sociedades, sejam elas pré-históricas ou históricas, passíveis de visitação terrestre e/ou aquática.

Inúmeros são os países que utilizam os vestígios arqueológicos existente em seus sítios para a realização do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo. De acordo com a Sociedade Worcester do Instituto Arqueológico da América⁹ (2003) “o turismo arqueológico é um dos segmentos que mais rápido cresce na indústria de viagem”, destaca-se que esse crescimento ocorre não apenas em sítios de visitação terrestre mas também naqueles que se encontram em ambiente aquático onde segundo Nogueira (2003) “o turismo arqueológico submarino é um dos mercados com maior crescimento no mundo”.

2 Eliminação de Mitos do Turismo Arqueológico

2.1 Mito – O Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo é uma atividade que acontece somente em locais antigos como Grécia e Egito

O não esclarecimento sobre essa atividade turística e os atrativos que a compõem dão margem a criação de expressões enrustidas de preconceitos quanto a existência de sítios arqueológicos turisticamente exploráveis no Brasil, ocasionados pela supervalorização de atrativos exteriores ao nacional que segundo Cali (2002, p.121) “ainda que os Sítios Arqueológicos brasileiros não tenham a monumentalidade de outros da Antiguidade Clássica” não deixam a desejar porque possuem “testemunhos suficientes para demonstrar a riqueza e diversidade cultural das sociedades”.

2.2 Mito: O arqueólogo¹⁰ é como o Indiana Jones dos filmes, portanto, ao realizar o Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo o turista transforma-se em um caçador de tesouros

⁹ “archaeological tourism is one of the fastest growing segments in the travel industry”.

¹⁰ Pessoa responsável por catalogar junto ao Iphan os sítios arqueológicos bem como gerenciar as atividades que desenvolvidas nos sítios.

Tornar-se um caçador de tesouros no sentido de conhecimento adquirido é muito provável de acontecer, mas sair do sítio terrestre ou aquático levando consigo algum vestígio arqueológico como se fosse um *souvenir* ou uma recompensa fará do visitante um saqueador.

Infelizmente, é muito comum entre mergulhadores que se divertem nos finais de semana arrancando artefatos de navios, o abandono de seus souvenirs nas lixeiras dos clubes náuticos logo após desembarcarem da pseudo aventura submarina, ou com certeza alguns dias mais tarde nas lixeiras de suas casas. (RAMBELLI, 1998, p.116).

Quanto aos profissionais envolvidos com trabalhos em sítios arqueológicos tem-se a “idéia de homens endurecidos e aventureiros com grande capacidade atlética” segundo Bass (1971, p.20) que hora estão envolvidos em um cenário de aventura (caracterizado pela caça ao tesouro) hora em romântico (quando o tesouro é encontrado e/ou os enigmas são decifrados). De acordo com Rathz (1989, p.128) verifica-se “uma atração pelo romântico, que se acredita ser mais interessante e emocionante do que a verdade histórica pura”.

“É por isso que os arqueólogos podem achar difícil vender 500 exemplares de uma monografia que representa vários anos de trabalho duro, enquanto Von Däniken consegue vender mais de 40 milhões de exemplares de Eram os Deuses Astronautas? e outros livros da série”. (RAHTZ, 1989, p.18)

Essa visão equivocada sobre a real competência destes profissionais e do valor cultural dos vestígios resulta em um falso estereotipo e na descontextualização cultural do sítio. Situações como estas, que por vezes, acabam adquirindo grandes proporções fazem com o imaginário venha a se tornar verdade, como é o caso do rei Arthur. Desconstruir este imaginário pode ser perigoso a ponto de se ter “uma convicção de que na verdade a ciência e a razão são más” segundo Rathz (1989, p.127).

3 Produção Científica e Divulgação do Turismo Arqueológico

Outra consideração a ser feita é quanto o fim da “barreira dos círculos científicos” segundo Moreno *et all* (2004) e do mundo acadêmico, segundo Funari (2001, p.30). De acordo com Vecchierini (2003) “parece que o arqueólogo todavia não está consciente de que o verdadeiro beneficiário de seu trabalho deve ser a sociedade, o grande público, a quem este trabalho, até o

momento, não chega”. Cali (2002, p.126) discorre que “tem-se a impressão que o conhecimento, circulando apenas entre seus pares, seria suficiente para atingir os objetivos (ou de cumprir as obrigações de publicar)”.

No Brasil, segundo Silveira (2003) “existem cerca de 20 mil” sítios arqueológicos catalogados e segundo Funari (2001, p.25) no país “houve, sempre uma falta de interesse, por parte dos arqueólogos, em interagir com a sociedade em geral” tarefa esta que foi exercida de acordo com Munari (*In*: Funari 2001, p.25) pelos “escritores, arquitetos e artistas, os verdadeiros descobridores do patrimônio [...] no Brasil, não historiadores ou arqueólogos”.

A produção acadêmica, de circulação nacional, de temas que abordam o Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, por parte dos profissionais envolvidos com o turismo, até a presente data faz o acesso das publicações tão raras para o grande público, quanto os próprios vestígios arqueológicos que a compõem. Neste cenário, estas publicações limitam-se a: um artigo na revista *Turismo em Análise* da Universidade de São Paulo¹¹, uma monografia¹², um trabalho de especialização¹³ e um capítulo do livro de Funari e Pinsky (2003)¹⁴.

Os meios de comunicação (rádio, televisão, jornal e internet) são importantes ferramentas que podem contribuir de forma séria na divulgação do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, pois de uma só vez, são capazes de reunir os aspectos anteriormente citados e transmiti-los a uma grande quantidade de pessoas.

Atualmente, segundo Cali (2002, p.121) “a mídia [...] procura vincular notícias a partir de um certo prisma não científico [...] e os jornalistas, na impossibilidade de fazer pesquisa em bibliotecas especializadas freqüentemente misturam arqueologia com paleontologia, entre outros equívocos”.

¹¹ ETCHEVARNE, Carlos. Propostas para o aproveitamento turístico de áreas arqueológicas da Bahia: Brasil. *Revista Turismo em Análise*, v.7, n.2, nov.1996.

¹² FIGUEIREDO, Marina T. A função social do Turismo Arqueológico, histórico e paleontológico na cidade de Monte Alto, SP. Trabalho de conclusão de curso de graduação em Turismo. Faculdades COC. Ribeirão Preto, 2003.

¹³ RIES, Gabriela. Arqueologia: um potencial para o ecoturismo no Brasil. Serra da Capivara, um exemplo a ser seguido. Curso de Pós-Graduação em Ecoturismo. Faculdade SENAC de turismo e hotelaria de São Paulo, 2003.

¹⁴ MORAIS, José Luiz. Turismo e Arqueologia. *In*: FUNARI, Pedro P.; PINSKY, Jayme. *Turismo e Patrimônio Cultural*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

Para tanto, os profissionais dos meios de comunicação em geral, assim como o grande público, devem ser sensibilizados quanto a importância da exploração do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo, valendo-se a princípio da clareza sobre os aspectos anteriormente enfatizados e em seguida propor-se a transmitir informações mais coerentes sobre esta atividade turística.

As informações a serem transmitidas pelos meios de comunicação têm a vantagem sobre os livros e artigos científicos pela velocidade com que atingem seu público, mas não é apenas essa rápida disponibilidade que dará veracidade ao que está sendo apresentado, é fundamental a coerência nos termos utilizados e adequação da linguagem, a inserção de imagens ilustrativas e a concordância entre imagens e textos.

A Figura 10 ilustra um exemplo da utilização errônea dos meios de comunicação. Neste caso a matéria publicada em um jornal, descreve informações sobre sítios arqueológicos e ao lado da mesma inclui inadequadamente uma foto de um time de futebol, completamente fora do contexto da notícia.

Vale ressaltar que a pequena quantidade de publicações científicas e acadêmicas sobre o Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo demonstra a falta de interesse pelo desenvolvimento deste tema, se comparado a outros segmentos turísticos nacionais, e se comparado internacionalmente, a lacuna revela-se maior ainda, dado que em países como a Espanha e Itália, por exemplo, este segmento turístico “representa uma parcela considerável da receita estatal” segundo Funari (1988, p.51) além de contribuir para a preservação da identidade cultural e servir de “instrução pública” de acordo com Rathz (1989, p.22).

Considerações finais

A exploração do Turismo Arqueológico ou Arqueoturismo no Brasil possibilita desvendar e revelar partes de um passado até então inacessível e desconhecido por grande parte das pessoas. O descaso para com esta atividade turística tem sua origem na falta de esclarecimentos sobre os atrativos arqueológicos que compõe este segmento, a limitação das publicações aos meios científico e acadêmico, bem como a distância dos meios de comunicação, e até mesmo um certo grau de descaso, em divulgar a existência deste atrativo turístico nacional.

Ambos aspectos apresentam-se inter-relacionados, resultantes de um processo semelhante a criação de uma bola de neve, onde um mal entendido gera outro, que acarreta outro e assim por diante. Faz-se necessário retomar estes aspectos a fim de evitar que esta “bola de neve” tome proporções exorbitantes e seja tarde para destruí-la.

Bibliografia

- BARRETTO, Margarita. *Turismo e Legado Cultural: as possibilidades do planejamento*. Campinas: Papyrus, 2000.
- BASS, George. *Arqueologia Subaquática*. Lisboa: Editorial Verbo, 1971.
- BENI, Mario C. *Análise Estrutural do Turismo*. São Paulo: Editora SENAC, 2001.
- BOULLÓN, Roberto. *Planificación del espacio turístico*. 3ed. México: Trilhas, 1997.
- CALI, Plácido. História da Cultura brasileira e fontes arqueológicas. *Fronteiras: Revista de História*. Campo Grande, Mato Grosso: Editora UFMS, v.6, n.11, jan/jun 2002.
- CAMARGO, Haroldo Leitão. *Patrimônio Histórico e Cultural*. São Paulo: Aleph, 2002.
- CHRISTOFOLETTI, Lílian. PATRIMÔNIO: Departamento vai abrigar descobertas arqueológicas da região, como canoas e vasos de cerâmica - Bragança constrói centro arqueológico. *Folha de São Paulo*. 4 out. 1998.
- CROSBY, A. et al. *El desarrollo turístico sostenible en el medio rural*. Centro Europeo de Formación Ambiental y Turismo. Espanha, 1993.
- FRANCO, Ariovaldo. *De caçador a gourmet: uma história da gastronomia*. São Paulo: Senac, 2001.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. *Arqueologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- _____. Arqueologia Brasileira: visão geral e reavaliação. *Revista da História da Arte e Arqueologia*. Campinas: Unicamp, vol.1, 1994, p.281-290.
- _____. Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural no Brasil. *Trabalhos de antropologia e etnologia*. Porto, 41, ½, 2001, 23-32.
- _____; NOELLI, Francisco Silva. *Pré-História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2002.
- _____; PINSKY, Jaime (orgs). *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto, 2001.
- GASTAL, Susana. *Os lugares, não-lugares e entre-lugares da cultura e da identidade contemporânea*. Porto Alegre, 2000.
- GONZÁLEZ, Bernardita; GONZÁLEZ, Herman. El patrimonio cultural como bien de consumo: el caso Petorca. *Conserva* n.4, 2000. Disponível em: <<http://www.dibam.cl>>. Acesso em 21 jun. 2004.
- KNEIP, Lina Maria; PALLESTRINI, Luciana. *Brasil antes do descobrimento*. Curitiba: EDUCA, 1991.
- KULEMEYER, Jorge. *Propuesta para el desarrollo del turismo arqueológico en Argentina*. Disponível em: <<http://www.naya.org.ar>>. Acesso em: 23 dez. 2003.
- NOGUEIRA, Javier. *Tesoros arqueológicos submarinos*. Disponível em: <<http://www.ahora.com.do>>. Acesso em: 17 jun. 2004.

_____, Sandra. Cultura material – a emoção e o prazer de criar, sentir e entender os objectos. Disponível em: <<http://www.naya.org.ar>>. Acesso em: 19 dez. 2003.

PALLESTRINI, Luciana; MORAIS, José Luiz. *A arqueologia pré-histórica brasileira*. São Paulo: Gráfica Objetivo, 1980.

PROUS, André. *Arqueologia Brasileira*. Brasília: Editora UNB, 1992.

RAHTZ, Philip. *Convite à arqueologia*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

REJOWSKI, Mirian. *Turismo no Percurso do Tempo.(org)*. São Paulo: Aleph, 2002.

SILVERMAN, Helaine. Touring ancient times. The present and presented past in contemporary Peru. *American Anthropologist*. Washington set.2002. vol. 104. Disponível em:<<http://www.proquest.univap.br>>. Acesso em: 23 abr. 2004.

TENÓRIO, Maria Cristina (org.). *Pré-História da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

VECCHIERINI, Elena Juncosa. *La Arqueología: Entre La Investigación Y La Difusión*. Disponível em: <<http://www.naya.org.ar>>. Acesso em: 19 dez. 2003.

WORCESTER SOCIETY OF ARCHAEOLOGICAL INSTITUTE OF AMERICA. Archaeology and the grand tour:photography and Victorian Tourism. Disponível em: <<http://www.webpages.charter.net>>. Acesso em: 03 jun. 2004.